O Homem dos lobos[1], entre objeto anal e olhar

Fulvio Marone

a primeira sessão

Em 13 de fevereiro de 1910, Freud escreveu a Ferenczi: "Um jovem russo rico que atendi por motivo de paixões amorosas compulsivas [*Zwangsverlieben*] me confessou, depois da primeira sessão, as seguintes transferências [*Übertragungen*]: judeu escroque, gostava de me pegar por trás e cagar na minha cabeça[2] [*Jüdischer Schwindler, er möchte mich von hinten gebrauchen u. mir auf den Kopf scheissen*]. Aos seis anos de idade, seu primeiro sintoma manifestado consistia em injúrias blasfematórias contra Deus: porco, cachorro etc. Quando via três montinhos de merda na rua, ele se sentia pouco à vontade por causa da Santíssima Trindade e procurava ansiosamente um quarto monte para destruir a evocação"[3].

Poderíamos falar longamente do valor desse trecho da carta para o caso clínico do Homem dos lobos e das diferentes versões e interpretações que nos foram dadas (Jones, por exemplo, em sua biografia de Freud, fala do episódio em termos de demanda explícita[4], o que o próprio Homem dos lobos qualificou, muitos anos depois, de "idiotice"[5]). Mas o que me interessa aqui é o valor da fantasia anal para o diagnóstico e a direção do tratamento, que Freud conscientemente destacou desde a primeira exposição desse caso clínico. Em sua *Geschichte einer infantilen Neurose*, Freud cita duas vezes[6] os pensamentos obsessivos que associavam compulsivamente fezes e Deus – e subentendiam a "transferência" da merda para o Deus vienense –, assim como sublinhou continuamente o lugar do objeto anal em suas interpretações teóricas e clínicas desse paciente[7].

a história da doença

Esse, no entanto, não é o caso clínico do Homem das fezes – ou do Homem dos analistas, como Elisabeth Roudinesco[8] propôs rebatizar – mas do Homem dos lobos. E ainda que o nome de *Wolfsmann* não lhe tenha sido dado por Freud, mas por Ruth Mack Brunswick, no decurso de sua segunda análise, após uma série de sonhos com o tema dos lobos, o valor do sonho dos lobos é evidente para todo leitor desse caso clínico.

[1] Confrontei três traduções francesas do texto freudiano, escolhendo finalmente a das *Œuvres complètes*, que me parece a mais fiel ao texto alemão. De todo modo, acrescento, entre colchetes, as palavras na língua original, nas passagens em que essa tradução pode suscitar interrogações, ou em que se trata de palavras chaves da língua freudiana. Para os textos em língua alemã, utilizei: Freud, *Gesammelte Werke* (1940-68)

[2] N. do T. No sentido de desprezar, humilhar.

[3] Freud & Ferenczi. (1910), *Correspondance (1908–1914)* (1910, p. 148-149).

[4] "[...] desde a primeira sessão do tratamento, ele propôs a Freud se entregar com ele a fornicações retais e em seguida defecar sobre sua cabeça." Jones. *La vie et l'œuvre de Sigmund Freud* (1955, vol. II, p. 293).

[5] "Em nome do céu, uma idiotice dessas! Quem poderia escrever... não... esse homem é perturbado ou o quê? para escrever uma idiotice dessas! (...) Ter relações por trás, que é que isso significa? É cem por cento idiotice. Esse indivíduo deve ser perturbado." Obholzer. *Entretiens avec l'Homme aux loups* (1981, p. 209).

[6] "[...] ele se lembrou de pensamentos ultrajantes a Deus, chegando-lhe ao espírito como

Freud, manifestamente, faz desse sonho – ocorrido aos quatro anos, relatado bem cedo na análise e interpretado ao longo de todo o tratamento – o *point de capiton* dessa neurose infantil, o que permite reorientar, posteriormente [*nachträglich*], todos os elementos de sua história precedente. Mas a orientação diagnóstica freudiana, que repousa em sua primeira intuição sobre o objeto anal, e, portanto, a neurose obsessiva não se valem dessa reconstrução.

Na introdução de seu escrito, Freud diz:

> O caso de doença que apresentarei aqui [...] trata de um jovem que, aos 18 anos, após uma infecção gonorreica, sucumbiu à doença e estava totalmente dependente e inapto para a existência quando entrou em tratamento psicanalítico, muitos anos mais tarde. [...] seus anos anteriores [*früheren*] haviam sido dominados por um grave distúrbio neurótico que começou pouco antes de seu quarto aniversário, sob a forma de histeria de angústia (fobia de animal [*Tierfobia*]), deslocou-se em seguida para uma neurose de compulsão [*Zwangneurose*] de conteúdo religioso e, por seus prolongamentos, prosseguiu até seus dez anos. [...] esse caso [...] deve ser considerado como um estado consecutivo a uma neurose de compulsão, tendo um decurso espontâneo [*spontan abgelaufenen*] e uma cura conseguida com déficit [*Defekt*]. Minha descrição, portanto, tratará de uma neurose infantil que não foi analisada na época de sua existência, mas somente quinze anos após seu decurso [*Ablauf*].[9]

Freud expõe aqui o objetivo desse caso clínico, ou seja, analisar uma neurose infantil a partir do adulto, e apresentar posteriormente uma realidade histórica que deixou traços interpretáveis. Penso que se deveria ler aqui não somente "neurose de compulsão" – ou "neurose obsessiva" – mas também "fobia", como se esse termo estivesse escrito entre aspas, pois se trata de uma "fobia" muito particular, que difere daquela, por exemplo, do pequeno Hans por "inibição, sintoma e angústia"[10]. Freud explica muito bem no texto homônimo, e também no quarto capítulo de sua *Geschichte,* quando escreve que se tratava de "uma verdadeira fobia de animal, que ela se distinguia de outros casos análogos pelo simples fato de que o animal da angústia [*Angsttier*] não ser um objeto facilmente acessível à percepção" (como, por exemplo, o cavalo ou o cachorro), sendo conhecido apenas pelo relato e pelo livro de imagens"[11].

uma inspiração do diabo. Ele não conseguia se impedir de pensar: Deus-porco ou Deus-excremento [*Gott-Kot*]. Em uma viagem qualquer, quando estava em uma estação termal alemã, ele foi atormentado pela compulsão de pensar na Santíssima Trindade cada vez que via três pequenos montinhos de bosta de cavalo ou de outro excremento sobre a calçada." Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 14-15.); "Por essa análise da significação-excremento [*Kotbedeutung*], fica doravante claro para nós que os pensamentos compulsivos [*Zwangsgedanken*] que deviam necessariamente colocar Deus em ligação com o excremento significavam ainda qualquer coisa que não a difamação [*Schmähung*] que ele reconhecia." (*Ibid.*, p. 81)

[7] "Até agora você procurou a causa de sua doença em seu urinol', observou Freud, com pertinência, fazendo alusão aos tratamentos físicos aos quais eu era submetido até então" (Pankejeff. 'Mes souvenirs sur Sigmund Freud' (1981, p. 157)) Ver também toda a discussão da sessão de 17 de março de 1915 d a Sociedade psicanalítica de Viena, dedicada a esse caso clínico. Nunberg & Federn. *Les premiers psychanalystes. Minutes de la societé psychanalytique de Vienne* (1983, p. 321-323).

[8] Plon & Roudinesco. *Dictionnaire de la psychanalyse.* (1997, p. 768).

[9] Freud. À partir de l´histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 5-6).

[10] Freud. Inhibition, symptôme et angoisse (1925)

o sonho dos lobos

Voltando à questão de seu nome clínico, o que o sonho dos lobos faz por Sergej Pankejeff (o verdadeiro nome do Homem dos lobos)? Em 1912, duas notas do *Zentralblatt für Psychoanalyse* assinadas por Freud revelam seu novo objeto de estudo, os sonhos infantis:

> Peço aos colegas que exercem uma atividade analítica que coletem e analisem cuidadosamente os sonhos cuja interpretação autorize a conclusão de que *os sonhadores foram, em seus primeiros anos da infância, espectadores de um comércio sexual.* [...] Naturalmente, só podem ser considerados como prova os sonhos que ocorrem nos anos da infância e são trazidos à lembrança a partir deles.[12]

[11] Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 30).

[12] Freud. Demande d'information de l'éditeur sur lês rêves d'enfance (1912, p. 181).

Nos primeiros meses de análise seu paciente havia lhe contado:

> Sonhei que é de noite e que estou deitado na minha cama (o pé da cama ficava contra a janela, e em frente à janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando eu sonhava, e de noite). De repente, a janela se abre sozinha e vejo, com grande terror, alguns [*ein paar*] lobos brancos sentados sobre a grande nogueira diante da janela. Eram seis ou sete. Os lobos eram todos brancos e tinham mais jeito de raposas ou de cães pastores, pois tinham caudas grandes como as raposas e suas orelhas eram pontudas como os cachorros quando espreitam alguma coisa. Tomado de grande angústia, manifestamente a de ser devorado [*aufgefressen*] pelos lobos, dei um grito e acordei [...][13]

[13] Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 27).

Seguindo a longa e complexa interpretação de Freud, aqui se trataria de "um acontecimento efetivo [*Eine wirkliche Begebenheit*] de uma época muito precoce [*auf sehr früher Zeit*] – olhar, imobilidade, problemas sexuais, castração, o pai – qualquer coisa aterrorizante"[14]. Esses são os pontos sublinhados por Freud. E ele explica: a criança, na idade de um ano e meio,

[14] *Ibid.*, p. 32.

> havia [...] adormecido em sua caminha no quarto de seus pais e acordou em algum momento da tarde, devido à elevação da febre, talvez perto daquela quinta hora [*um die (...) fünfte Stunde*] marcada mais tarde pela depressão. Que os pais

> tivessem se retirado, semidespidos, para uma curta sesta, enquadra-se na hipótese de um dia abrasador de verão. Quando ele acordou, foi testemunha de um *coitus a tergo,* três vezes repetido, viu o órgão genital da mãe e o membro do pai, e compreendeu tanto o processo como seu significado.[15]

[15] *Ibid.*, p. 35-36.

Acabou por perturbar o encontro de seus pais por meio de uma grande evacuação. Em uma nota de rodapé, Freud esclarece: "Quero dizer que ele compreendeu na época do sonho, aos quatro anos, e não no momento da observação. Com um ano e meio ele coletou as impressões cuja compreensão imediata [*nachträgliches Verständnis*] lhe foi possível, na ocasião do sonho, de acordo com seu desenvolvimento, sua excitação sexual e sua busca sexual"[16].

[16] *Ibid.*, p. 36.

a leitura de Lacan

É um sonho que Freud interpretou de maneira admirável, mas não valorizou o suficiente, ao contrário do que Lacan faz em seus comentários. Lacan diz em *A angústia*: "Por ser esse um sonho de repetição[17], a fantasia pura desvendada em sua estrutura, ele tem toda a sua importância"[18]. E no ano seguinte: "a verdadeira preocupação de Freud, à medida que se revela para ele a função da fantasia [...], (é) interrogar qual é o encontro primeiro, o real, que podemos afirmar por trás da fantasia [...] podemos hoje nos perguntar se essa febre, essa presença, esse desejo de Freud não é o que, em sua doença, pôde condicionar o acidente tardio de sua psicose"[19].

[17] "Sonho de repetição" porque, como dissemos, em sua análise com Ruth Mack Brunswick, o Homem dos lobos faz toda uma série de sonhos com o tema dos lobos.

[18] Lacan. *Le Séminaire, livre X: L´Angoisse* (1962-3, p. 89)

[19] Lacan. *Le Séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse.* (1964, p. 54).

Aqui, Lacan levanta duas questões imensas, que nem vou tocar, mas que poderemos trabalhar em outro lugar: 1) O que é essa "realidade" do acontecimento – para além de sua historicidade, do fato de ser passado historicizado no presente porque aconteceu no passado[20] – que Freud defende contra Adler e Jung nesse texto, contemporâneo a *Sobre a história do movimento psicanalítico?*[21] O que é essa estrutura (o esquema filogenético, a hereditariedade) que, afinal, para Freud, leva-o às experiências pessoais sobre o vivido acidental? O que é o real em jogo aqui e nas lutas do movimento psicanalítico? 2) Em que medida o desejo de Freud, como analista, mas também como pesquisador do campo psicanalítico, pôde condicionar, por seus atos, a evolução sucessiva desse caso clínico?

[20] Lacan. *Le Séminaire, livre I: Les écrits techniques de Freud* (1953-4, p. 19)

[21] Freud. *Sur l'histoire du mouvement psychanalytique* (1914)

Lacan faz duas outras observações importantes no *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*: "[...] a brusca aparição dos lobos na janela do sonho coloca a função do *s* (do

significado) como representante da perda do sujeito. Não é apenas o sujeito fascinado pelo olhar desses lobos... O olhar fascinado deles é o próprio sujeito".[22] A outra passagem, sobre a qual gostaria de me deter um pouco, é esta:

> O que lhes demonstra toda a observação? É que a cada etapa da vida do sujeito, qualquer coisa, a cada instante, vem refazer o valor do índice determinante que constitui esse significante original. Assim é capturada propriamente a dialética do desejo do sujeito como se constituinte do desejo do Outro.[23]

"O sonho conduz a observação do coito quando ele tinha um ano e meio a seu efeito posterior [*nachträglichen Wirkung*]"[24], diz Freud no último capítulo de seu livro. Por isso, Lacan poderá afirmar, em seu primeiro seminário:

> [...] o que se passa durante esse período, entre um ano e meio e quatro anos, senão que o sujeito aprende a integrar os acontecimentos de sua vida dentro de uma lei, dentro de um campo de significações simbólicas, [...]. É porque, pelo menos nessa época, essa neurose infantil é exatamente a mesma coisa que uma psicanálise. Ela representa o mesmo papel de uma psicanálise, a saber, ela realiza a reintegração do passado e põe em funcionamento, dentro do jogo dos símbolos, a própria *Prägung* – a marca, ou seja, o trauma –, que só é atingida no limite, por um jogo retroativo, *nachträglich*, escreve Freud.[25]

Assim, o sonho aos quatro anos constitui o *point de capiton* dessa *wilde Psychoanalyse*, dessa psicanálise selvagem que foi a neurose infantil do Homem dos lobos. E é por isso que podemos enquadrar as etapas de sua infância nas escansões do tempo lógico de Lacan:

> 1) Instante de ver: com um ano e meio, o paciente observa a *Urszene*, a cena primordial entre os pais. Ele vê sem compreender.
>
> 2) Tempo de compreender: entre um ano e meio e quatro anos, uma série de contos, símbolos, ameaças e fatos fornece tudo o que lhe serve para interpretar o que viu.
>
> 3) Momento de concluir: é o sonho que conclui a favor de um "reconhecimento foraclusivo" da castração, da qual falaremos adiante.

[22] Lacan. *Le Séminaire, livre XI* (1946, p. 227).

[23] *Ibid.*

[24] Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 107)

[25] Lacan. *Le Séminaire, livre I* (1953-4, p. 215).

Lacan destaca também a importância do outro grande fenômeno escópico da primeira análise, pois haverá muitos outros ao longo da vida e na análise com Ruth Mack Brunswick: o "olhar sobre o nariz" etc. ou a alucinação do dedo cortado:

> Quando eu tinha cinco anos, estava brincando no jardim, perto de minha babá e, com meu canivete, eu entalhava a casca de uma dessas nogueiras que também representam um papel dentro do meu sonho. De repente, percebi com um pavor indizível que havia cortado em dois o dedo mindinho da mão (direita ou esquerda?), mas que ainda estava pendurado pela pele. Eu não sentia dor, mas uma grande angústia [*Angst*]. Não ousei dizer nada à babá, que estava a alguns passos dali, desabei sobre o banco mais próximo e fiquei sentado lá, incapaz de lançar sequer um olhar para o dedo. Finalmente recuperei a calma, olhei o dedo de frente, e estava completamente ileso [*ganz unverletzt*].[26]

No *Seminário 3: As psicoses*, Lacan diz: o que é recusado na ordem simbólica – a castração – ressurge no real da alucinação. Freud já havia afirmado em seu caso clínico: "Um recalque é algo diferente de uma rejeição [*eine Verdrängung ist etwas anderes als eine Verwerfung*]"[27]. E Lacan, mais uma vez, fornece as coordenadas para situar esses fenômenos escópicos: "a origem do recalcado neurótico não se situa no mesmo nível de história no simbólico do que o recalcado de que se trata na psicose"[28].

entre dois objetos

Alcançado este ponto, tentemos nos orientar entre esses dois objetos, entre neurose e psicose, entre Freud e Lacan. Freud considera o objeto anal como o objeto da fantasia ($\$ \lozenge a$), que ele procura histerizar em sua análise, isto é, interpretar como objeto da pulsão ($\$ \lozenge D$), ligando-o aos problemas abdominais da mãe[29]. Mas para o Homem dos lobos o anal é sobretudo o modo pelo qual ele reconhecera a castração. Freud diz:

> A tomada de posição inicial de nosso paciente para com o problema da castração já nos é conhecida. Ele a rejeitou [*Er verwarf sie*] e permaneceu no ponto de vista do comércio sexual no ânus. Quando eu disse que ele a rejeitou, a primeira significação dessa expressão é que ele não quis saber de nada, no sentido do recalque

[26] Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 83).

[27] *Ibid.*, p. 77.

[28] Lacan. *Le Séminaire, livre III: Les psychoses* (1955-6, p. 22).

[29] "Finalmente reconheci a significatividade, para minhas intenções, do distúrbio intestinal. Ele representava a parcela de histeria que se encontra regularmente na base de uma neurose de compulsão. Prometi ao paciente o completo restabelecimento de sua atividade intestinal, e consegui, com esse compromisso, sua incredulidade patente e tive então a satisfação de ver desaparecer sua dúvida quando o intestino, como um órgão histericamente afetado, se pôs ao trabalho de 'tomar parte na conversação' [*mitzusprechen*] e recuperou em algumas semanas sua função normal, tão longamente prejudicada". Freud. À partir de l'histoire d'une nevrosé infantile (1914, p. 73).

> [*er von ihr nichts wissen wollte im Sinne der Verdrängung*]. De fato, isso não havia levado a nenhum julgamento sobre sua existência; foi como se ela não existisse. [...] Por fim subsistiam nele, lado a lado, duas correntes opostas: uma que abominava a castração [*die Kastration verabscheute*], e outra pronta a aceitá-la e a se consolar com a feminilidade como substituta [*sich mit der Weiblichkeit als Ersatz zu trösten*]. A terceira corrente, a mais antiga e mais profunda, aquela que havia simplesmente rejeitado a castração [*welche die Kastration einfach geworfen hatte*], e onde não havia ainda a questão de julgamento sobre a realidade [*Realität*] disso, essa corrente certamente ainda era reativável.[30]

[30] *Ibid.*, p. 82-83.

O que isso quer dizer, essa quimera de estrutura em que o sujeito parece um pouco neurótico (abominava a castração), um pouco perverso (pronto a aceitá-la e a se consolar com a feminilidade como substituta) e um pouco psicótico (tinha simplesmente rejeitado a castração)?

Serge Leclaire[31] falou de "reconhecimento da castração sobre o modo anal", seguindo de perto o seguinte texto freudiano:

> A coluna de excremento [*Kotsäule*][32], irritando a mucosa intestinal erógena, representa por isso mesmo o papel de um órgão ativo, comporta-se como o pênis para com a mucosa vaginal e se torna de algum modo o precursor deste à época da cloaca. O abandono do excremento em favor (por amor) de uma outra pessoa torna-se, para ele, o modelo da castração [*Vorbild der Kastration*]. É o primeiro caso de renúncia a uma parte do próprio corpo para ganhar o favor de uma pessoa amada. O amor narcísico dedicado ao pênis não ocorre, portanto, sem uma contribuição do erotismo anal. O excremento, a criança, o pênis trazem assim uma unidade, um conceito inconsciente – *sit venia verbo* – do 'pequeno'[33] separável do corpo [*den des vom Körper abtrennbaren Kleinen*].[34]

[31] Leclaire. À propos de l'épisode que présenta 'l'homme aus loups' (1958, p. 123-146)

[32] "Traduzir *Kotsäule* por 'bolo fecal" – escreve Janine Altounian, uma das tradutoras das *Œuvres complètes* – "apaga a audácia das justaposições do médico e do literário que pontuam a leitura de uma narração frequentemente poética (...) a 'coluna' de excremento, diferente do 'bolo' fecal, permite que ela seja comparada ao pênis." Altounian. *L'écriture de Freud. Traversée traumatique et traduction.* (2003, p. 27-28).

[33] "A pequena coisa" traduz uma outra versão francesa desse texto. Freud. Extrait de l'histoire d'une neurose infantil (1981, p. 236)

[34] Freud. À partir de l'histoire d'une neurose infantil (1914, p. 82)

Mas para o Homem dos lobos, o pequeno objeto anal, esse *abtrennbare Kleine*, acaba por não ser um "objeto parcial", e sim, se me permitem dizer, um "objeto total" que tem a função de negar a diferença – a castração fálica, ou seja, simbólica – e de fazer do Outro um "Todo". No terceiro capítulo, Freud

escreve: "O paciente se deu conta subitamente do fato de que a irmã [...] o havia pura e simplesmente seduzido, instigando-o às vias de fato sexuais [*zu sexuellen Tätlichkeiten*]. [...] no banheiro [...] ela lhe havia lançado a provocação: 'Vamos mostrar o popô' e passou da palavra ao ato"[35]. Freud prossegue: "Nessa época, ele pôde observar duas meninas, sua irmã e uma amiga, urinando [...] recusou a idéia de ver confirmada a ferida com que a Nania o havia ameaçado, e se deu a explicação de que era o 'popô da frente' [*vordere Popo*] das meninas. O tema da castração não foi eliminado por essa decisão"[36]. Mas a castração de que se trata aqui é justamente a castração anal da qual Leclaire nos fala.

[35] *Ibid.*, p. 17.

[36] *Ibid.*, p. 22.

O ser-mulher, para o Homem dos lobos, que rejeitou [*verwarf*] a castração do Outro, não passa pelo universal fálico, mas pelo universal anal: o "popô da frente" das meninas é o equivalente do *Wiwimacher* do pequeno Hans. "Ele rejeitou o novo [...] e se ateve ao antigo. Ele se decidiu pelo intestino contra a vagina"[37]. Mas se para o pequeno Hans a mulher é não-toda, salvo se tiver o universal fálico, para o Homem dos lobos, ela é toda graças ao universal anal, que, de fato, é verdadeiramente universal. Assim, todas as mulheres têm um popô:

[37] *Ibid.*, p. 77.

> A partir da puberdade, ele considerava as grandes nádegas vistosas como o atrativo mais forte da mulher; outro coito que não por trás não lhe proporcionava quase nenhum gozo.[38]

[38] *Ibid.*, p. 39.

> Mas os homens também têm um popô. Perguntou à Nania se Cristo, com quem ele se identificava, também tinha um traseiro, e se ele também tinha cagado. E essa religião do popô tinha seu ritual: "o mundo lhe era dissimulado por um véu [...]. O véu, curiosamente, só se rasgava em uma situação, quando, em seguida a um enema, as fezes passavam pelo ânus.[39]

[39] *Ibid.*, p. 97.

Ele tinha, em outros termos, a mesma experiência da *Versöhnung* [*reconciliação*] vivida por Schreber em seguida a uma evacuação[40]. É a segunda referência, implícita, ao "sistema delirante do paranóico Presidente Schreber, da Corte de Apelação", encontrada nesse caso clínico. Na primeira, explícita, Freud fala da "moção em direção a Deus"[41], que, para o Homem dos lobos, era expressa em seus pensamentos blasfematórios. Portanto – e isso é sintomático da questão diagnóstica que esse caso clínico deixa em aberto para o próprio Freud – há duas referências a um caso de psicose relacionado a um sintoma aparentemente "obsessivo", para um paciente diagnosticado como

[40] Freud. Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (Dementia paranoides). (1911, p. 277).

[41] Freud. À partir de l'histoire d'une neurose infantil (1914, p. 81-82).

"obsessivo", em um texto em que não há referência ao Homem dos ratos.

o suplemento

Quanto ao objeto olhar, eu deveria relatar tudo o que aconteceu depois do livro de Freud e que Ruth Mack Brunswick descreveu muito bem em um artigo[42] em que esse objeto está sempre em questão e é muito bem trabalhado. Basta dizer que, no fim de sua análise com Ruth Mack Brunswick, S P – *Wespe* (vespa) mutilada, depois de um de seus últimos sonhos freudianos[43] –, passou da angústia de *angeschautwerden*, de ser olhado fixamente, que era uma lembrança da infância rememorada ao longo de sua segunda análise[44], e que não havia jamais vindo à luz com Freud através do sonho dos ícones[45], em que a mãe/analista destrói as imagens enquadradas que o olhavam (os sonhos dos lobos, o olhar ao nariz, dentes, pele etc.), para o que a análise com Freud já tinha lançado as premissas, ou seja, a suplência de ser olhado pelo pai e, portanto, pela comunidade psicanalítica como o filho preferido.

TRADUÇÃO
Angela Lobo de Andrade

[42] Brunswick. Supplément à l'Extrait de l'histoire d'une neurose infantil' de Freud (1928, p. 268-312)

[43] "Ele diz: Eu sonhei, *um homem arranca as asas de uma Espe*. – Espe? perguntei, o que você entende por isso? – Ora, o inseto com listras amarelas no corpo, que pode picar. (...) – Você quer dizer então uma *Wespe*? pude corrigir. [...] – Mas Espe, então sou eu, S. P. (as iniciais de seu nome)." Freud. À partir de l'histoire d'une neurose infantil (p. 92).

[44] "Os olhos brilhantes dos lobos lembra agora ao paciente que, durante um certo tempo, em seguida ao sonho ocorrido aos quatro anos, ele não suportava ser olhado fixamente. Ele se encolerizava e gritava: 'Por que me olha desse jeito?' Todo olhar escrutador lembrava-lhe esse sonho, com todo seu caráter de pesadelo". Brunswick. Supplément à l'Extrait de l'histoire d'une neurose infantil' de Freud (1928, p. 294).

[45] "O paciente está com sua mãe em um cômodo. As paredes de um dos cantos desse cômodo estão cobertas de ícones. A mãe desprende os ícones e os joga no chão. Os ícones caem e se quebram em pedaços. O paciente se espanta que sua mãe tão piedosa tenha feito aquilo" (*Ibid.*, p. 296)

Forum do Campo Lacaniano em São Paulo FCL - SP

referências bibliográficas

ALTOUNIAN, Janine. *L'écriture deFreud. Traversée traumatique et traduction.* Paris: P.U.F., 2003.

BRUNSWICK, Ruth Mack. (1928) Supplément à l''Extrait de l'histoire d'une neurose infantil' de Freud. In: Gardiner, Muriel (ed.). *L'homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même.* Paris: Gallimard, 1981.

FEDERN, Ernest & NUNBERG, Herman. *Les premiers psychanalystes. Minutes de la societé psychanalytique de Vienne.* Paris: Gallimard, 1983. Tomo IV.

FREUD, Sigmund. (1940-68) *Gesammelte Werke.* Frankfurt am Main: Fischer, 1999. Vol. 19.

FREUD, Sigmund & Ferenczi, Sandor. (1910) *Correspondance (1908-1914).* Paris: Calmann-Lévy, 1992. Tomo 1.

FREUD, Sigmund. (1911) Remarques psychanalytiques sur l'autobiographie d'un cas de paranoïa (Dementia paranoides). In: *Cinq psychanalyses.* Paris: PUF, 1954.

FREUD, Sigmund. (1912) Demande d´information de l'éditeur sur lês rêves d'enfance. In: *Œuvres complètes. Psychanalyse.* Paris: PUF, 1998. Vol.. XI.

FREUD, Sigmund. (1914) *Sur l'histoire du mouvement psychanalytique.* Paris: Gallimard, 1991.

FREUD, Sigmund. (1914) À partir de l´histoire d´une neurosé infantile. In: *Œuvres completes Psychanalyse.* Paris: PUF, 1994. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. (1919) Extrait de l'histoire d'une neurosé infantile. In: Gardiner, Muriel (ed.). *L'homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même.* Paris: Gallimard, 1981.

FREUD, Sigmund. (1925) Inhibition, symptôme et angoisse. In: *Œuvres complètes. Psychanalyse.* Paris: PUF., 1994. Vol. XVII.

JONES, Ernest. (1955) *La vie et l'œuvre de Sigmund Freud.* Paris: PUF, 1961. Vol. II.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre I: Les écrits techniques de Freud* (1953-1954). Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre III: Les psychoses* (1955-1956). Paris: Seuil, 1981.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre X: L´Angoisse* (1962-1963). Paris: Seuil, 2004.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Paris: Seuil, 1973.

LECLAIRE, Serge (1958) À propos de l'épisode que présenta 'l'Homme aus loups'. In: *Écrits pour la psychanalyse 2.* Paris: Seuil/Arcanes, 1998.

OBHOLZER, Karin. *Entretiens avec l'Homme aux loups*. Paris: Gallimard, 1981.

PANKEJEFF, Sergej. 'Mes souvenirs sur Sigmund Freud', In: Gardiner M. (ed.). *L'homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même*. Paris; Gallimard, 1981.

PLON, Michel & ROUDINESCO, Elisabeth. *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard, 1991.

resumo

Desde sua primeira sessão com o Homem dos lobos, Freud enfatiza o valor do fantasma anal de seu paciente, o que terá conseqüências para seu diagnóstico e para a direção do tratamento. Mas o nome sob o qual esse paciente é conhecido – um nome dado por seu segundo analista, Ruth Mack Brunswick – indica um outro fantasma escópico que será o fio condutor seguido por Lacan em seus comentários desse caso clínico. A escolha diagnóstica entre diferentes objetos do fantasma é a repetição da escolha da estrutura que cada sujeito encontra como resposta ao traumatismo de seu encontro com o Outro.

abstract

From his first session with the Wolf Man, Freud stresses the importance of his patient's anal fantasy. This point of view produces many consequences on Freud's diagnostic judgement, as well as on the direction of his cure. Nevertheless, this patient is worlwide known as the Wolf Man, a name given to him by his second analyst, Ruth Mack Brunswick: this fact point us another fantasy, a scopic fantasy that Lacan uses as a constant reference for his remarks on this clinical case. The diagnostic choise among different objects of fantasy is, so to speak, the repetition of the choice among clinical structures, that the subject makes in order to answer to the traumatic encounter with the Other.

palavras-chave

objeto anal, fobia, Homem dos Lobos, neurose infantil e castração

key words

anal object, phobia, Wolfsmann, infantile **neurosis** and castration

recebido

29/07/2005

aprovado

02/09/2005